

Nos 30 anos de "Trapo", Cristovão Tezza fala sobre as agruras e o lugar do escritor no mundo atual

Observador da realidade

GUILHERME PUPO/DIVULGAÇÃO

■ ANDRÉ DI BERNARDI

Ao longo de uma trajetória marcada por grandes obras, como "O Filho Eterno", o catarinense Cristovão Tezza, 65, é quase uma unanimidade no cenário da literatura contemporânea. Respeitado pela crítica, amado pelo público, o professor e escritor fala, em entrevista ao **Magazine**, sobre as agruras e as dificuldades de seu ofício e discorre sobre o processo criativo de "Trapo", que ganhou relançamento comemorativo dos 30 anos da primeira edição.

A que você atribui o sucesso de "Trapo" e que lugar ele ocupa em sua trajetória? Um escritor nunca sabe exatamente por que um livro faz sucesso. Lembro que quando saiu "O Filho Eterno", em 2007, eu estava com um péssimo pressentimento. Achava que seria um fracasso. E aconteceu o contrário. "Trapo" foi uma surpresa porque foi o primeiro livro que lancei por uma grande editora. Só esse fato já me parecia uma espécie de libertação. Mas foi além: teve quatro edições pela Brasiliense, mais três pela Rocco e, agora, 30 anos depois, está saindo uma edição especial pela Record. "Trapo" sempre teve leitores e conta com uma espécie de fã-clube entre os mais jovens. Ele foi para mim, escritor, uma espécie de marco, porque nele encontrei de fato minha linguagem de romancista após várias tentativas meio perdidas.

No posfácio, você afirma que as cartas foram importantes e lhe ensinaram bastante em termos de literatura. Como você avalia o momento atual, em que predomina a comunicação instantânea, via redes sociais, onde o texto curto prevalece? Quais são as vantagens e as desvantagens para essa nova geração de possíveis escritores? É uma mudança notável. A carta tradicional era uma es-

pécie discreta de "literatura", no sentido clássico, até como um gênero de escrita. Exigia certo tempo, recolhimento, silêncio, unidade temática, e tinha, mais do que simplesmente um destinatário, um "leitor". Já a internet detonou todo esse processo. Num primeiro momento, imaginei que ela daria uma revitalizada na escrita na medida em que todo mundo agora seria "escritor" – o mundo digital nos obriga a escrever o tempo todo. O que eu não pensava era na tal portabilidade, na fragmentação, na conexão desconectada e na abreviatura mental. Em suma, a internet, para o escritor, é uma biblioteca universal e, nesse sentido, é fantástica. Mas, para o ato de escrever, não mudou nada de essencial. Escrever a sério continua sendo um trabalho de silêncio, concentração, tempo e introspecção. Tudo contrário ao espírito da internet.

Como foi o processo de criação de "Trapo"? Ele nasceu de um conjunto de poemas que escrevi cursando letras, no início dos anos 80, quando finalmente deixei de ser um jovem alternativo, digamos assim, e abracei o mundo acadêmico. O título era "23 Modos de Assassinar a Poesia". Naturalmente, escrevi com espírito de sátira. Era mais uma brincadeira. Quando me sugeriram publicá-los, rejeitei, mas comecei a imaginar um autor suposto daqueles versos. O personagem Trapo nasceu ali, como o autor suicida dos poemas. Em seguida, veio uma biografia imaginária. Depois, o professor Manuel. E o romance foi se compondo.

Também no posfácio, você chama a atenção para "o charme da publicação em papel". Qual é sua projeção para o futuro do livro impresso? Quando surgiu o digital, muita gente imaginou o fim do livro do papel. Eu mesmo me en-

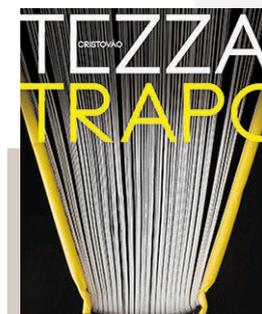


Êxito. Cristovão Tezza diz ter ficado surpreso com o sucesso e a repercussão que "Trapo" obteve

tusiasmei com o kindle. Mas o papel é invencível. O formato digital parece que chegou a seu limite nos Estados Unidos, que são os maiores consumidores do livro digital. No Brasil, o modelo ainda é estatisticamente irrelevante. De qualquer modo, acho que são formatos que vão conviver perfeitamente. Há áreas que são mais adequadas ao formato digital (penso na área acadêmica, nas revistas científicas etc.), mas o papel ainda vai imperar por muito tempo.

É possível dizer que o livro tem

muito de suas vivências? Em que medida ele tem traços autobiográficos? "O Filho Eterno" é meu único livro de fundo diretamente autobiográfico. Todos os outros são ficção. São puros frutos da ficção. E claro que, como acontece com todo escritor, sempre há toques pessoais em situações e em personagens. É um processo inconsciente. A matéria da literatura é a condição humana, que é partilhada por todos. Sempre se revela algo nosso, ainda que fragmentário, na representação que fazemos dos outros.



"Trapo" - edição comemorativa De Cristovão Tezza Editora Record 304 páginas R\$ 54,90

“Trapo” foi uma surpresa, porque foi o primeiro livro que lancei por uma grande editora. Só esse fato já me parecia uma espécie de libertação.”

Cristovão Tezza,
Escritor

Resenha

Literatura feita de socos e poesia

➕ Lançado em 1988, "Trapo" colocou o nome de Cristovão Tezza entre os expoentes da literatura nacional. Para comemorar os 30 anos da primeira edição, a editora Record acaba de relançar a obra. Em "Trapo", Tezza mostra a trajetória de Manuel, professor aposentado que recebe um pedido: Izolda, uma dona de pensão, entrega dois pacotes contendo originais de textos de um poeta, marginal e suicida. Ela pede que Ma-

nuel leia o espólio de Trapo (Paulo) e decida se aquilo tem valor. Tezza desnuda, numa projeção de angústias, as agruras de um candidato a escritor. Manuel vai sendo absorvido pelo carisma e pelo lirismo tosco de Trapo e decide, ele próprio, escrever.

O escritor catarinense empresta contornos para criaturas que "não foram treinadas para viver." Tezza sabe ser impossível cerzir num todo coerente o medo que nos veste,

que nos desorienta, que nos desqualifica. Alguns se matam pelo caminho. "Um observador da realidade". Assim ele delinea a principal característica de um escritor.

Tezza exige de seus leitores um mínimo de vivência. Ele prefere o tombo do príncipe, a mendicância do homem contemporâneo, e foge da segurança de uma literatura linear. Por isso, a crueza dos diálogos. A linguagem dos personagens é suja, porca de pala-

vrões, de raiva e impropérios. Trata-se de uma, digamos, literatura canina, que não hesita em morder quando açulada. Signos que se desdobram numa teia feita de cumplicidades. Izolda, Paulo, Manuel. Tezza mostra que o ser humano é isso, um emaranhado feito de andrajos, tripas, pele, osso e poesia. Os bons livros sobrevivem a intempéries e borrascas. Literatura de fino trato. É o caso de "Trapo". (André di Bernardi)